

DOS CIRCUITOS ORGÁSTICOS AOS TRANSBORDAMENTOS LIBIDINAIS: QUANDO O FEMININO ESTRANGULA O FALO

Silvio Tony Santos de Oliveira (UFPB)¹
Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues (UFPB)

Resumo: Na perspectiva do patriarcado, o erótico, por ventura permitido, é um bel-prazer restrito ao masculino e o corpo feminino é o instrumento para obtenção do gozo sexual deste. No medievo, a mulher passa a ser a transfiguração da face pecaminosa do diabo e sua sexualidade entendida como armadilha para aqueles que se entregam aos prazeres carnavais. Nesse âmbito, a arte literária, em sua função mimética, em alguns momentos, alberga personagens femininos que se mostram transgressores quanto aos valores construídos e atribuídos, de forma distorcida, às mulheres quanto a sua sexualidade. O presente trabalho, por meio dos enlaces entre Literatura e Psicanálise, objetiva fomentar reflexões sobre representações do gozo fálico feminino, as quais se espargem na obra *Christel*, a universitária violentada (1980), da escritora Majorie Grant.

Palavras-chave: Literatura; Psicanálise; Gozo; Sexualidade; Mulher

1- Introdução

Desde os primórdios da cultura ocidental, a sexualidade da mulher se encontra imbricada, seja de forma direta ou indireta, com os valores socioculturais de cada contexto histórico. É irrefutável a linha de raciocínio que defende mudanças drásticas entre a concepção sobre o feminino que imperava em período pré-históricos e as visões sócias, sobre o mesmo objeto, que ascenderam após a insurreição do patriarcado e, principalmente do cristianismo no século V d. C. Desta forma, o corpo feminino ocupa múltiplas visões, no imaginário masculino, ao longo dos séculos, desde o sagrado ao simbolismo equiparado a um avatar do pecado ou mero objeto para fins reprodutivos, como se configura no períodos do medievo e séculos posteriores.

Por outro lado, é com o advento da psicanálise, no século XIX, com Sigmund Freud, que o feminino rompe as mordaças históricas do silêncio. É a partir do pai da psicanálise que o corpo feminino ascende a duas categorias inigualáveis e impensáveis em outrora: um corpo que reverbera, através dos sintomas histéricos, suas inquietações com modelo de feminilidade imposta culturalmente e um corpo que, através de seus *somas*, apresenta-se desejante. *Eros* habita, pulsiona o corpo da mulher, assim como se outorga, socialmente, ao masculino.

¹Graduado em Letras (UFPB), Mestrando em Literatura pelo PPGL – UFPB. Email: silviophoenix@hotmail.com

Por sua vez, no mundo das Letras, vislumbramos aspectos bastante disparees entre as visões sobre o feminino propagadas pelo discurso do cânone literário e as obras que não gozam desse reconhecimento da crítica literária ou não canônicas. Um feminino idealizado e intocável, porém silenciado em seus transbordamentos eróticos é o estereótipo apresentado, por exemplo, pelo movimento romântico no século XVIII. Já as obras eróticas/pornográficas deixam, às escâncaras, o erotismo feminino, ao mesmo tempo, que ressoam ou dão voz à personas transgressoras de valores sociais cristalizados e imputados ao corpo da mulher, na sociedade patriarcal.

O presente trabalho tem por objetivo de engendrar, por meio da interface literatura e psicanálise, uma leitura acerca da sexualidade feminina mimetizada na obra na obra *Christel, a universitária violentada* (1980), da escritora Majorie Grant. O referido corpus nos evidencia personas femininas que, ao se deleitarem em suas aventuras sexuais, reivindicam o lugar masculino quanto ao prazer erótico. É pelo gozo fálico que essas mulheres se reconhecem como possuidoras de corpos orgásticos. Como embasamento teórico, lançaremos mão das contribuições freudianas e lacanianas acerca da sexualidade feminina. Na próxima seção, traçaremos, brevemente, um percurso histórico sobre a sexualidade feminina entre o declínio do matriarcado e a ascensão do patriarcado.

2 - De Vênus à Eva: as metamorfoses eróticas do feminino

A história da sociedade ocidental, mais precisamente, as discussões a respeito da sexualidade no contexto do ocidente remontam a períodos arcaicos, por volta de 3000 a. C. Nesse contexto, o período paleolítico ou idade da pedra o erotismo feminino e as forças divinas da natureza encontram cumplicidade no discurso dos homens primitivos. O próprio contexto propicia a exaltação do corpo da mulher ao posto de transcendental. Os registros históricos desse tempo evidenciam uma organização de vida coletiva e agrária. A terra é entendida como a mãe deusa que provém as necessidades alimentícias humanas. Por outro lado, a mulher sendo a única capaz de gerar a vida, também, usufruía dos aspectos transcendentais imputados às divindades femininas. A exaltação à fertilidade feminina fica evidenciada na estatueta denominada Venus de Willendorf.

Lins (2007) afirma que a ideia da exaltação da capacidade reprodutora da mulher, como algo ou aspecto divino, é marcante na estatueta da Vênus de Willendorf. Seios

fartos, quadris largos e genitálias exuberantes realçam o erotismo feminino que, segundo autora, não é chagado pelo advento do cristianismo em dois aspectos. Primeiramente, temos aqui uma mãe que gera a vida e não um pai criador de todas as criaturas. Em segundo lugar, a destituição da ideia do pecado atrelado à prática sexual. Esses povos antigos, além da colheita de alimentos, eram adeptos da caça. Stearns (2010) reafirma o caráter valorativo da sexualidade da mulher, porém aponta para uma preocupação com a natalidade excessiva entre esses povos. O ponto principal para esse cuidado com o nascimento de crianças advém da capacidade de manutenção desses novos integrantes do grupo nômade, quanto à obtenção de alimentos.

Lins (2007) entende que a partir do período neolítico e com o advento das guerras entre povos por territórios, ou seja a decadência dos povos nômades – a sexualidade feminina sofre consideráveis mudanças. Se anteriormente, não havia preocupação com a paternidade dos filhos pois uma criança podia ter “vários pais”, nesse período, a paternidade passa a ser algo de considerável valia, uma vez que os homens se ausentavam longos períodos dos lares para guerrear. Outro ponto seria o foco na fecundidade da terra que antes supria todas as necessidades do homem primitivo sem haver necessidades da força bruta, ao passo que, no neolítico, o homem é de mais valia para o aspecto bélico, em relação a mulher, por possuir força física consideravelmente maior.

A partir do século V d. C., com a ascensão do cristianismo como religião oficial, no império romano, instaura-se a substituição de antigos aspectos religiosos e a consolidação de outros. O culto a entidades religiosas consideradas pagãs é substituído pela adoração e crença em um Deus masculino. Se antes tínhamos deusas provedoras das necessidades humanas, agora temos a imagem masculina de um Deus que centraliza, em suas mãos, o poder da vida e da morte. Entre os séculos V e VII d. C. surgiram os primeiros mosteiros e com eles os estudos das escrituras bíblicas. Os textos sagrados imputavam a figura de Eva a metáfora da porta de entrada do pecado no mundo e, conseqüentemente, o paradigma da mulher desregrada, em sua sensualidade, que assim como fez com Adão, poderia levar qualquer homem à ruína:

A primeira mulher que surge sob a pena de Godofredo de Vandona por volta de 1095, inaugurando e resumindo todo o sexo, é Eva. A narração da Criação e da Queda no Génesis pesa permanentemente na visão medieval da mulher, narração complexa, como se sabe, tanto na sua redacção como no seu conteúdo, mas cujos traços mais salientes, os

mais facilmente retidos – tanto mais quanto encontram eco nas epístolas de Paulo -, são altamente desfavoráveis ao ‘segundo sexo’.
(DALARUN 1990, p. 34)

De acordo com Lins (2007), a concepção da sexualidade feminina concebida como dádiva da geração da vida é entendida no período feudal como algo pecaminoso e escabroso. O prazer feminino, a luxúria do “segundo sexo” é obra demoníaca que levaria inúmeras mulheres (bruxas) a terem o templo de Satanás (seus corpos) carbonizados nas fogueiras da santa inquisição, embasada pelas leis – orientações – do manual *Malleus Maleficarum*.²

3- A incógnita psicanalítica: as brumas da feminilidade

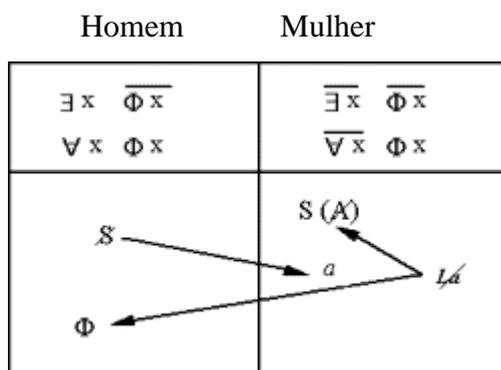
O feminino, mesmo após mais de um século de fundação das bases teóricas da psicanálise, apresenta-se como o objeto resistente ao total desbravamento de seus labirintos. O pai da psicanálise, ao se reportar à mulher, reconhece a insuficiência das ferramentas teóricas para descrever ou compreender em sua totalidade o complexo Universo da feminilidade. Isso fica evidenciado em aforismas freudianos como “a mulher é um continente obscuro.”

Em sexualidade feminina (1932), Freud discorre, de forma mais completa acerca da relação edípica entre a menina e as figuras parentais. Após inúmeras reformulações teóricas, o mestre vienense reconhece a ligação incestuosa entre a menina e a figura materna. Para a menininha, a mãe é detentora de um falo, assim como ela. “Durante a fase de ligação com a mãe (Édipo negativo), o pai é considerado como um rival pela menina, ainda que não lhe dispense a hostilidade que o menino. De resto, não há paralelismo entre o Édipo feminino e o Édipo masculino.” (FREUD *apud* SMIRGEL, 1988, pag.16). Essa relação psicótica é embasada no engodo de um Ser que se apresenta como o falo materno e um outro Ser que se insinua como detentor ou possuidor de um falo. Posteriormente, após a constatação da ferida narcísica da falta fálica, a menina dirige a mãe suas queixas por não ser “aparelhada” com o tão estimado falo. Para André (1998), a castração ocorre de forma diferente entre meninos e meninas. No caso feminino, a menina o observa no outro sexo e o deseja possuir. A castração aqui é apenas comprovada. Não há o temor da perda, mas existe a dor de não possuir o falo.

² O Martelo das Bruxas foi escrito em 1484 pelos inquisidores Heinrich Kramer e James Sprenger. A obra continha orientações sobre como identificar a influência do demônio em mulheres consideradas bruxas.

Em *Feminilidade* (1932), Freud amplia ainda mais suas discussões acerca do feminino e traz reflexões a respeito do chamado Édipo positivo. A menina movida pelo desejo de possuir o falo, volta-se incestuosamente para a figura paterna. “A libido da menina se volta agora – ao longo do que só se pode chamar de uma equação simbólica: pênis = filho – até uma nova posição. Ela renuncia ao desejo do pênis para substituí-lo pelo de um filho e, esse desígnio, toma o pai como objeto de amor. (ANDRÉ, 1998, pag. 178). Sendo assim, observamos que a bissexualidade feminina fica constatada, uma vez que existe uma duplicidade ou troca de objetos: primeiro a mãe, depois o pai. Outro fator é que a feminilidade da menina é forjada na comprovação da castração “natural”, que desampara o feminino quanto a um significante que o represente na sua sexualidade. É no amor direcionado ao pai e, posteriormente, na fase adulta, a um objeto que substitua a figura paterna que é fomentada a sexualidade feminina. Logo, a feminilidade se instala na falta ou na ferida narcísica fálica.

Jacques Lacan, através de uma releitura da obra freudiana, desenvolve pressupostos teóricos sobre a sexualidade dos “seres falantes”, como diz o próprio autor. Lacan, movido pelo desejo de conduzir a psicanálise, novamente, as suas origens e objetivos metodológicos propostos pelo seu fundador, reelabora, a partir de Freud, contribuições teóricas de suma importância. Uma delas seria o quadro da sexuação humana.



Fig(1) Quadro da sexuação. Disponível em http://www.isepol.com/asephallus/numero_22/pdf/5-A_anatomia_e_o_destino.pdf; acessado em 11/07/2018

Na perspectiva lacaniana, o quadro de sexuação é embasado a partir da teoria do gozo.³ Freud não se utiliza em seus escritos desse termo porém vislumbramos, em certa

³ Para Lacan, gozo estaria no limiar entre a dor e a satisfação. O gozo é o mecanismo psíquico que nos faz relacionar com os objetos a nossa volta. Gozar de algo estaria no âmbito de usufruir de um determinado objeto, porém em certa medida. Não completamente. O termo é trazido, pelo psicanalista francês, do campo da área do direito.

medida, formulações que se aproximam a teoria do gozo em Lacan. Freud em *O problema econômico do masoquismo* discorre sobre duas pulsões que estão desde os primórdios na história da *psique* humana: pulsão de morte (*Thanatos*) e pulsão de vida (*Eros*). Nasio (1993) entende o gozo como o mecanismo de regulação da energia psíquica (libidinal), a qual é direcionada para fora do aparelho psíquico, culminando, assim, em períodos momentâneos de alívio da tensão libidinal.

Vallas (1998) ao se reportar a teoria da sexuação, postulada por Lacan, afirma que o homem por se submeter totalmente ao processo psíquico de castração está inserido completamente na lei fálica. Isso resulta na obtenção de um único meio de alívio da tensão libidinal intra-psíquica: o gozo fálico. Já a mulher não se submeteria por completo a lei da castração, lembremo-nos que Freud ressalta a diferença do complexo de castração para meninos e meninas. Sendo assim, algo escapa. Algo resiste a lei fálica. Isso culmina em três formas de gozo. a mulher possui acesso ao gozo fálico masculino. Aquilo que, para Vallas, é o gozo e seus enlacs com os órgãos genitais e que Nasio concebe como a concentração libidinal nos orifícios corporais.

Outro forma de gozar seria o *mais-gozar*. Nessa possibilidade Nasio compreende como o mecanismo de contenção de energia libidinal que fica retida no aparelho psíquico, mesmo após um processo de alívio da tensão energética. Esse mais-gozar é responsável por aquilo que impele o sujeito, ou seja, que o coloca em atividade, impulsionando-o a novas metas ou direcionamentos libidinais a objetos outros.

A última possibilidade de gozo feminino seria o gozo Outro. Esse não está submetido a lei fálica, logo não se submete ao teor ou campo da linguagem. Não se pode descrever ou, em certa medida, representa-lo por um significante. Apenas é possível supor sua existência ou, no caso restrito do feminino, vivenciá-lo. Não se submeter por completo ao complexo da castração implica, às mulheres, a obtenção de um gozo Outro para além da compreensão masculina e muitas vezes para além do entendimento da própria mulher. Na próxima seção, arquitetaremos análise do corpus buscando evidenciar o gozo feminino das personagens presentes no texto.

4- Transbordamentos de *Eros*: circuitos orgásticos da luxúria

O caráter erótico é latente nas linhas que constroem o romance *Christel, a universitária violentada*. A narrativa tem início com a cena de um passeio de bicicleta feito por Christel, à beira de uma movimentada rodovia, que ficava nas proximidades da

casa dos tios, localizada no interior da França. A jovem universitária, mesmo contra a vontade de seus familiares, resolve fazer o passeio, usando roupas sensuais como saia curta e blusa decotada. Isso porque a mesma gostava de ser observada pelos caminhoneiros que transitavam pelo local.

“Agora, já não se aborrece com as piadinhas indiscretas dos que observam o lindo triângulo de sua calcinha que aperta, delicadamente seu torrãozinho inchado.” (GRANT, 1980, p. 8). Christel apresenta um prazer a partir do aspecto escópico. Freud em seu texto *Sexualidade infantil* discorre acerca dos pares das pulsões parciais entre eles o prazer que traz ao bebê ver e ser visto ou o voyeurismo. Já nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, o próprio psicanalista vienense admite existir nas práticas sexuais da vida adulta influência dessas pulsões parciais. Aquilo que chamaríamos de preliminares, o prazer decorrente de observar ou ser observado pelo parceiro remonta o período arcaico em que a criança se satisfaz com o olhar ou olhares a sua volta. Vejamos a reação de Christel durante o passeio e o efeito dos olhares que passeavam pelas curvas de seu corpo:

A bicicleta, até o momento, era o macho que mais a satisfazia; o selim esfregando em sua pombinha quase levava às nuvens com aquele calorzinho subindo-lhe pelos órgãos mais sensíveis. Todavia, entre os que observavam suas coxas não tirando os olhos de sua calcinha, havia aqueles que ficavam em tremenda ereção, sem nada poderem fazer. (...) Ela só pensava nessas picas bem duras e grossas, levantadas em sua homenagem, assim ela se esfregava cada vez mais forte no selim estremecendo da cabeça aos pés. (GRANT, 1980, p. 11)

Nesse sentido, observamos uma mulher que se satisfaz em despertar no Outro as pulsões eróticas direcionadas a si mesma. Não vislumbramos um feminino recatado, mas um feminino que reconhece no seu corpo a origem do prazer erótico do Outro. É fazendo o Outro gozar que a personagem atinge seu gozo fálico, pois “o gozo fálico vai se fixar de maneira preferencial no nível do pênis e do órgão clitoridiano.” (VALAS, 1998, p.60)

A narrativa prossegue e, durante uma perseguição entre Christel e um caminhoneiro. O desconhecido condutor acaba por ocasionar uma queda da jovem a qual a deixa inconsciente em seus braços. Passando próximo ao local, Pierre, um jovem francês, que tivera seu carro com problemas mecânicos, era conduzido por um mecânico para efetuar o conserto. Durante a viagem, Pierre recordava, com singular excitação, as aventuras eróticas que tivera, após dar carona, com duas pelas estudantes de sexologia a ruiva Karina e loira Lena.

Durante a viagem, os três personagens realizaram inúmeras experiências com o *ménage a trois*⁴. Em uma das cenas, Pierre se encontra sob o domínio das duas amantes insaciáveis. Os corpos encontram-se no ápice do desejo e da satisfação sexual: “- Você de novo, disse; você não me deixa louca, trepe em mim, enfie teu cacete no meu ventre. – Agora não dá, ele está na boca da Karina. – Que puta! Ela está dormindo profundamente com chupetinha na boca! – Veja só querido, você vai ver como vou acordá-la.” (GRANT, 1980, p. 37). A volúpia erótica toma conta do ambiente e leva os três personagens a embriaguez sexual pela. A cena, assim, tem prosseguimento:

- Ah! Que delícia acordar com um pau na boca e um deliciosa linguinha na boceta... depois agarrando a pica pela base, ela introduziu a cabeça entre os lábios e desta vez, começou a chupá-la como se deve. Logo, os esforços de Lena foram coroados de sucesso, chupando o cacete de francês, Karina ficava observando a língua exposta de sua amiga que parecia estar morrendo de inveja. (...) ele não aguentou mais e gozou sentindo agitar-se todo o interior de seus culhões, ao contato da língua de sua mamadora, ao mesmo tempo em que gozava na boca de sua amiga. (GRANT, 1980, p. 38)

A narrativa nos encena duas personagens femininas que transcendem os dizeres do discurso religioso quanto à sexualidade feminina. A tradição judaica-cristã defende o ato sexual como meio de propagação da espécie humana. A mulher é entendida como aquela que deve se resguardar dos prazeres pecaminosos do sexo e abraçar a causa maternal, sendo a imagem da virgem Maria como exemplo inequívoco e modelo de feminilidade, pois renuncia ao pecado da carne para conceber o filho de Deus de forma imaculada. O psicólogo Paulo Roberto Ceccarelli, em *sexualidade e preconceito*, desenvolve uma reflexão acerca dos *tabus* sexuais e a resistência destes diante dos avanços no pensamento da cultura do ocidente com relação à sexualidade. Sobre isso Ceccarelli afirma que:

Em um trabalho anterior, apresentei, como um primeiro esboço de resposta, a hipótese de que a “desrepressão” da sexualidade não foi acompanhada de um “desrecalcamento” da sexualidade. Ou seja, por uma lado, temos a repressão sexual que por variar segundo a cultura, a época, os costumes e os valores, pode ser alterada; por outro lado, temos o recalçamento da sexualidade, movimento constitutivo do psiquismo e condição própria para a existência da civilização. Presente em qualquer época e em qualquer cultura, o recalque sofre pouca influência da

⁴ Expressão francesa que remete a prática sexual entre três indivíduos.

desrepressão. Isto significa que uma maior liberdade sexual não tornou o contato com o sexual mais simples. (CECCARELLI, 1999 pag. 3).

Desta forma, se culturalmente observamos um amordaçamento do erotismo feminino, na obra em questão, esse feminino vislumbra inúmeras possibilidades de gozar, e quando não lhe é dado esse direito, reivindica de forma veemente. Essa é atitude de constada na fala de Lena após seus parceiros ejacularem mutuamente. Vejamos:

- Bando de porcos, vocês foram aos céus e me deixaram aqui sequinha! Se vocês estão pensando que vou ficar na mão, estão enganados, também tenho meus desejos. – você vai ter que se masturbar, rosnou o francês, enxugando sua pica nunlenço de seda. –Prefiro me masturbar com tua língua, porco, disse Lena, abrindo a boceta de uma maneira totalmente obscena. Se você não me chupar o grelinho, não dou mais para você... (GRANT, 1980, p. 38)

Lena diante do orgasmo atingido por seus parceiros, não se conforma por não ter atingido o mesmo feito. Observamos aqui uma disparidade entre um feminino erotizado que faz gozar e exige gozar em relação ao modelo feminino idealizado pela cultura patriarcal. Birman (2016) realiza um estudo no qual é constatado o distanciamento da mulher erótica e da mulher como mãe. Segundo o autor, desde os primórdios dos séculos XVIII e início do século XIX as concepções de um sexo único – o masculino – tomado como parâmetro é substituída pela concepção de hierarquia entre os sexos. Essa linha de pensamento está alicerçada, principalmente, em funções ou destinos biológicos.

A figura materna não condiz ou não se alinha com o desejo erótico. Cabe ao feminino abdicar do gozo sexual para assim assumir seu papel de veículo da propagação da espécie e, conseqüentemente, contribuir socialmente com a transmissão de valores aos futuros cidadãos. “Com efeito, para o homem era perfeitamente reconhecida sua potencialidade desejante ao lado da afetividade reprodutiva, de maneira a ser constituída uma real assimetria e até mesmo uma hierarquia entre os sexos. (BIRMAN, 2016, p.71)

Comumente, concebe-se a prática sexual ativa ao homem e a passividade à mulher. Essa concepção do senso comum tem origem, principalmente, no antigo período do império romano em que homens mantinham relações homoafetivas. Porém, era velado a penetração de cidadãos romanos legítimos por outros homens, assim como, Roma deveria

penetrar em outros territórios o homem romano deveria ser sodomizado. Reverbera, em nossa sociedade, dois princípios básicos na prática sexual heteronormativa: a atividade masculina (penetração) / passividade feminina (ser penetrada). Diante do exposto, vislumbramos, na cena seguinte, questionamentos desse princípio. Constatemos:

Assim que ela voltou ao caminhão, encontrou Karina de quatro pés, pronta para ser penetrada pelo belo Pierre. – Você fica bem assim, disse-lhe. Puxe-o pelos culhões, creio que ele adora. Lena, sempre pronta a servir, não hesitou em enfiar seu dedinho no buraco do cu do machão, o que precipitou suas ejaculações. – suas putas, vocês me arregaçaram o cu... (...) Lena novamente enfiou seu dedo no cu do enrabador, que nem percebeu, em consequência do estado em que se encontrava, que estava perdendo as pregas.

A cena apresenta um feminino que transborda em suas pulsões eróticas e, ao fazê-lo, questiona o estereótipo masculino, edificado culturalmente, o qual relega os desejos e pulsões eróticas na região anal. Ao homem é permitido, apenas a atividade (penetração). Se o patriarcado impõe paradigmas comportamentais às mulheres, da mesma forma o faz com o sexo masculino. No corpus constatamos o acesso ao gozo fálico não apenas por Lena ou Karina mas também pelo “machão” que é sodomizado pela sedutora estudante de sexologia. Naiso (1993) afirma que o gozo fálico e *o mais-gozar* estariam no âmbito da circunscrição das zonas erógenas do corpo. Seriam, assim, imbricados com o prazer ocasionado pela descarga de energia libidinal por meio das zonas erógenas corporais como genitálias, boca e região anal. Para o autor, o gozo fálico não é uma forma de gozar mas um meio. Mais precisamente na circunscrição do feminino, “uma mulher também não é desprovida do gozo fálico que nela, se encarna no órgão clitoridiano.” (VALAS, 2001p. 62).

De acordo com a perspectiva lacaniana do quadro da sexuação, o feminino se encontra, em parte, submetido à lei fálica e, assim, permite o acesso ao gozo fálico, da mesma forma que o masculino. Por sua vez, Freud (1905) afirma que, na prática sexual, não existe uma prevalência de atividade masculina sob a passividade feminina, mas corpos que transitam e interagem nessas posições. Pierre, ao ser sodomizado, é tão ativo sexualmente quanto se ele penetrasse Lena. Outro aspecto cristalizado sexualmente na sociedade patriarcal e colocado em xeque pelas personagens femininas no copus é a supremacia do pênis. A cena seguinte nos apresenta um Pierre exausto após manter

relações sexuais com Lena e Karina. Contudo, Lena ainda se mostra insaciável em sua volúpia. Deixemo-nos que os personagens dialoguem:

- Ouça, diz Pierre, eu já contentei tua amiguinha, acho que seria preciso mandar congelar minha pica. É preciso dar-lhe algum tempo de concentração. – Pobre pica, diz a bela garota acariciando a pontinha de cabeça, na verdade ela tem uma cabecinha de filósofo... Depois, deliberadamente, Karina virou-se sobre o rapaz e se ajeitou sobre seu pinto, colocando sua boceta junto ao rosto dele... –Adoro me acariciar com uma pica que não se levanta, isto me excita demais... – Porca, gritou Pierre, chateado, eu te avisei para deixa-la tranquila. (GRANT, 1980, p. 39)

Evidenciamos, nessa passagem, o questionamento do pênis como forma de virilidade e masculinidade, bem como único meio de satisfação feminina. O pênis que oferece prazer a Karina é um órgão flácido e sem ação de penetração. Em contrapartida, temos o pênis, nesse contexto, envolto sob o véu da imagem fantasmática do falo. Um dos pressupostos da teoria lacaniana é que o falo estaria no âmbito da subjetividade. Seria aquilo que de alguma maneira funciona como significante que preenche a falta ocasionada pela castração. Para o homem, o pênis é o falo que representa seus significantes de potência e virilidade. Ao se confrontar com um feminino que goza a partir da inoperância de seu órgão, Pierre se depara com a perda daquilo que o reconhece sexualmente ou seja, a virilidade do seu órgão.

Por fim, outra questão a ser levantada seria a percepção psicanalítica acerca da inexistência da relação sexual sob a óptica psicanalítica lacaniana. Nessa perspectiva teórica, a relação sexual não existe, efetivamente, uma vez que o feminino não possui um significante que o represente em sua sexualidade. A ferida narcísica descrita por Freud na menina, ou seja, a constatação da castração e a dor – como diz Nasio (2007) – causada pela mesma são retomada na teoria lacaniana para demonstrar que não possuir o falo não pode ser considerado uma marca ou seja um significante. Assim, no âmbito do inconsciente, não existe a relação entre dois significantes, mas sim imbricações arquitetadas por meio dos véus que representam as fantasias incestuosas de outrora. Nasio (1993) afirma que a relação sexual não existe pois não existem significantes que representem um gozo absoluto no âmbito masculino e feminino.

Considerações finais:

O feminino, assim como no período de fundação da psicanálise como ciência, no contexto da Viena vitoriana, ainda se mostra envolto nas brumas do indecifrável. Ao longo dos séculos, o patriarcado engendrou, por meio do valores morais, o silenciamento e o amordaçamento do Eros feminino. Contudo, a literatura erótico/pornográfica deixa às escâncaras os transbordamentos eróticos femininos quanto a sua sexualidade. No corpus, Karina e Lena, por meio do discurso libertino e de suas aventuras sexuais, questionam valores cristalizados socialmente.

Referências

ETZLSTORFER, Hannes; NOMAIER, Peter. *Pense como Freud: Aforismas selecionados e grandes questões do pai da Psicologia moderna*. São Paulo Ed. Cultrix. 2017

ANDRÉ, Jacques. *As origens femininas da sexualidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 1996.

ANDRÉ, Serge. *O que quer uma mulher?* Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 1998.

CECCARELLI, Paulo Roberto. *Sexualidade e preconceito*. Publicado in Revista Latinoam. Psicopat. Fund., III, 3, 18-37, 1999

VALAS, Patrick. *As dimensões do Gozo, do mito da pulsão à deriva do gozo*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. 2001.

LINS, Regina Navarro. *A cama na varanda: arejando nossas ideias a respeito de amor e sexo*. Rio de Janeiro. Ed. Best Seller. 2007.

STEARNS, Peter N. *História da sexualidade*. São Paulo. Ed. Contexto. 2010

SMIRGEL, Janine Chasseguet. *A sexualidade feminina*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1998.

GRANT, Majorie. *Christel: a universitária violentada*. São Paulo. Ed. Concorde. 1980.

NASIO, Juan-David. *5 lições sobre a teoria de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, Ed. 1993

BIRMAN, Joel. *Gramáticas do erotismo, A feminilidade e suas formas de subjetivação em psicanálise*. Civilização brasileira, Ed. 2001